

EDITORIAL

Apresentamos o dossiê *Educação, gênero e sexualidade*, tema que tem ampliado, complexificado e refinado o debate sobre a diferença no campo educacional. Questões históricas, teóricas e metodológicas levaram às inusitadas e promissoras combinações e bricolagens entre gênero e sexualidade no campo educacional e fora deste — como bem esclarece Guacira Lopes Louro em entrevista concedida à Vilma Nonato de Brício, publicada nesse volume da *Artifícios* —, tendo efeitos na variedade de objetos e temas de estudos e pesquisas.

Aqui, esta diversidade teórica e temática é clara e vai desde a medicalização da mulher, passa pela sexualidade infantil na escola, e segue complexificando o debate por meio de problemas como a masculinidade, a homossexualidade e a presença de um travesti na escola. Tanto é que Fernando Seffner e Éderson Costa dos Santos discutem as pedagogias da masculinidade no contexto no *Hip Hop*, e Helena Altmann e Gabriella Elaine Fagundes de Carvalho analisam a permanente vigilância sobre a sexualidade infantil e a vontade dos agentes escolares em ocultar suas manifestações.

Fora da escola, mas em permanente conexão com ela, outras práticas normalizadoras são analisadas por meio de um estudo genealógico sobre as relações entre o movimento higienista e a medicalização da infância e das famílias no período republicano. O estudo é realizado por Flávia Cristina Silveira Lemos e Daniele dos Santos Vasco, e nele refletem sobre os efeitos desse projeto que teve as mulheres como alvo privilegiado.

Voltando à cena escolar, Vilma Nonato de Brício e Josenilda Maués problematizam as discursividades nos documentos do Colégio São Francisco Xavier, localizado no município de Abaetetuba, com a finalidade de encontrar algumas pistas sobre as complexas relações entre discursos e poder na normalização dos sujeitos em relação a gênero e sexualidade. Por sua vez, Thiago Augusto de Oliveira da Conceição e Josenilda Maués analisam a constituição da sexualidade por meio das práticas discursivas de docentes homossexuais que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental de escolas públicas de Belém/PA, e constatam que, neste nível de ensino, há práticas normalizadoras que tentam ocultar a homossexualidade. Ainda sobre a sexualidade na cena escolar, Maria Lúcia Chaves Lima e Eric Campos Alvarenga problematizam a situação corriqueira de ir ao banheiro da escola; que deveria ser corriqueira, mas não é quando se trata de um travesti. A situação, além de central no debate sobre as diferenças de gênero e sexualidade, traz à tona problemas relativos à homofobia e à heteronormatividade no cotidiano escolar.

Outros temas não menos instigantes e necessários à reflexão sobre a escola são apresentados nessa seção, por meio de estudos e pesquisas. O de Valber Oliveira de Brito busca apoio em Martin

Buber e Gabriel Marcel para analisar a intersubjetividade docente com foco no diálogo e na esperança em um contexto escolar marcado pela violência dos dias de hoje; o de Fernando Octávio Barbosa de Almeida reflete sobre a construção de saberes por professoras da EJA, em escolas municipais do município de Ananindeua/PA; o de Fabrício Lemos de Siqueira Mendes e Ricardo Bentes Kato compara o perfil dos docentes da rede pública do município de Salinópolis/PA sobre a percepção ambiental; o de Cássia Araújo de Oliveira e Andreici Marcela Araújo de Oliveira, que analisam a presença-ausência da Filosofia no currículo, refletindo sobre o lugar da Filosofia na escola brasileira; e o de Ozivan Perdigão Santos que, fechando a seção, propõe debater a legalização do trabalho do intérprete de Libras, destacando o desrespeito e os estereótipos de que esses profissionais são alvo no contexto da educação brasileira.

E as escrituras. Dessa vez são três, as de Deniz Alcione Nicolay, Marcela Castro e Alessandra Jansen Gomes, que fazem experimentos com palavras em aforismas, crônicas e poesias.

Nesse número, pela primeira vez, apresentamos duas entrevistas: a de Vilma Nonato de Brício e a de Sílvia Nogueira Chaves. Vilma Nonato de Brício conversa com Guacira Lopes Louro, expressão nacional no campo interseccionado por educação, gênero sexualidade. Nessa convidativa conversação, é possível uma cartografia breve, porém, bastante esclarecedora sobre o momento atual dos Estudos de Gênero e dos Estudos Feministas, após a “virada” ocasionada pela introdução da controversa, mas produtiva categoria gênero, cujo efeito é o intenso e acalorado debate pautado pela instigante teoria *queer*.

Sílvia Nogueira Chaves fecha este número com uma conversa realizada em Milão com Emanuela Mancino, Professora e pesquisadora da Faculdade de Ciência da Formação, da Universidade de Estudos de Milão Bicocca. A conversa gira em torno da relação entre cinema e escritura autobiográfica e seus efeitos na constituição de identidades e na formação em sua dimensão pedagógica, o que traz, sem dúvida, outras possibilidades para o pensar-fazer de *si* por meio de ferramentas como a narrativa e a memória.

Esta é a Artíficos 4. Esperamos que o prazer de compô-la se metamorfoseie em prazer de leitura. Assim, convidamos a comunidade educacional a nos acompanhar pelas trilhas da diferença em sua múltipla conexão com outros temas e problemas educacionais. Boa leitura.

Belém, dezembro de 2012.

Josenilda Maués, Joyce Ribeiro e Vilma de Brício
Conselho Editorial